

Erico Verissimo

O tempo e o vento parte III

O ARQUIPÉLAGO vols. I a III

Prefácio
LUIZ RUFFATO

Copyright © 2004 by Herdeiros de Erico Verissimo
Texto fixado pelo Acervo Literário de Erico Verissimo (PUC-RS) com base na edição princeps, sob coordenação de Maria da Glória Bordini.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

CELSO KOYAMA

Imagens de capa

Acima: © Leonid Steliaer

Abaixo: *Revista da Semana*. Especial “Páginas da Revolução”, out/nov de 1930.

Supervisão Editorial

FLÁVIO AGUIAR

Crônica biográfica e cronologia

FLÁVIO AGUIAR

Pesquisa

ANITA DE MORAES

Preparação

MARIA CECÍLIA CAROPRESO

Revisão

ÉRICA BORGES CORREA

RENATO POTENZA RODRIGUES

Atualização ortográfica

PÁGINA VIVA

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Verissimo, Erico, 1905-1975.

O tempo e o vento, parte III : O Arquipélago , vols. 1 a III / Erico Verissimo. — 4ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

ISBN 978-85-359-2970-6

I. Romance brasileiro I. Ruffato, Luiz. II. Título.

17-06175

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira 869.3

2018

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Prefácio — O arquipélago Erico Verissimo 7
Árvore genealógica da família Terra Cambará 12

O ARQUIPÉLAGO VOL. I

Reunião de família I 14
Caderno de pauta simples 68
O deputado 74
Reunião de família II 192
Caderno de pauta simples 233
Lenço encarnado 241

O ARQUIPÉLAGO VOL. II

Lenço encarnado [continuação] 298
Reunião de família III 362
Caderno de pauta simples 384
Um certo major Toríbio 393
Reunião de família IV 521
Caderno de pauta simples 570

O ARQUIPÉLAGO VOL. III

O cavalo e o obelisco 580
Reunião de família V 660
Caderno de pauta simples 703
Noite de Ano-Bom 713
Reunião de família VI 790
Caderno de pauta simples 814
Do diário de Sílvia 826
Encruzilhada 874

Cronologia	949
Crônica biográfica	961
Sobre o autor	965
Obras de Erico Verissimo	966

Prefácio

O arquipélago Erico Verissimo

Chovia e fazia frio naquela tarde de 29 de novembro de 1975 em Porto Alegre. O cemitério da Irmandade de São Miguel e Almas recebia o corpo de Erico Verissimo, fulminado por um infarto na noite anterior, a vinte dias de completar setenta anos.

Oitenta anos antes, fim da Revolução Federalista, numa noite fria de inverno, lua cheia, a cidade de Santa Fé, “que de tão quieta e deserta parecia um cemitério abandonado”, preparava-se para entrar para a história da literatura brasileira pelas mãos do escritor Floriano Terra Cambará.

O começo e o fim.

O tempo e o vento ocupou 27 anos da vida de Erico Verissimo (a lembrar que o plano da obra nasceu em 1935, segundo o autor em depoimento a Paulo Mendes Campos)¹ e de certa maneira já estava em gestação desde suas primeiras obras. *O arquipélago*, último volume da trilogia, desdobrado em três tomos, talvez tenha sido o que mais solicitou sua atenção. Tanto que, segundo suas palavras, seu primeiro infarto, em 1961, teria tido como causa a excessiva tensão provocada pela redação do livro.²

Uma possível explicação para esse “desconforto” podem ser as dúvidas que o assaltavam. “Achava que o livro me estava saindo longo demais. Ao escrever *O Continente*, o que a princípio me parecera um obstáculo, isto é, a falta de documentos e de um maior conhecimento dos primeiros anos da vida do Rio Grande do Sul, tinha na realidade sido uma vantagem. Era como se eu estivesse dentro dum avião que voava a grande altura: podia ter uma visão de conjunto, discernia os contornos do Continente. Viajava num país sem mapas, e outra bússola não

1. “Erico Verissimo em retrato de corpo inteiro”, *Manchete*, Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1957.

2. “[...] no momento estou escrevendo o capítulo sobre meu infarto, causado por um livro que estava me preocupando muito, *O arquipélago*. Por isso, eu intitulei o capítulo de ‘O Arquipélago das Tormentas’.” “Erico Verissimo não se considera à altura do Nobel”, *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 de agosto de 1974.

possuía além de minha intuição de romancista. E isso fora bom. Ao escrever *O Retrato* já o ‘avião’ voava tão baixo que comecei a perder de vista a floresta para prestar mais atenção às árvores. E estas eram tão numerosas, que se me tornou difícil distinguir as importantes das supérfluas. E agora, no processo de escrever o terceiro volume, o ‘aparelho’ voava a pouquíssimos metros do solo. Mais que isso. Tinha aterrado e eu havia já desembarcado, pisava o próprio chão do romance, estava no meio da floresta, de mapa e bússola em punho, mas meio perdido, porque eu também era uma árvore.”³

O que há por trás dessa metáfora? Romance-rio, que abarca a história política do Rio Grande do Sul (do Brasil, portanto) no intervalo de tempo que vai de 1745 a 1945, *O tempo e o vento* é uma obra rara na língua portuguesa, não só pelo fôlego, mas principalmente por oferecer uma reflexão profunda sobre alguns aspectos que ainda hoje permanecem mal resolvidos, como a formação do país, o conceito de nação, a autoconsciência de um povo, suas responsabilidades, seus deveres etc. E o que dá a dimensão do artista: tudo isso a partir de um olhar que se quer focalizado no “regional”.

No já citado depoimento a Paulo Mendes Campos, Erico Verissimo afirmava que começou a escrever a trilogia para se reconciliar intimamente com o Rio Grande do Sul. Em outra entrevista, dizia que, em *O tempo e o vento*, não pretendeu estudar a decadência da família gaúcha, “mas sim contar a história duma família dessa parte do Brasil”.⁴ Ora, essa “reconciliação íntima” com seu estado natal é também uma tentativa de compreensão de sua própria história, daí a situação-limite a que é arremetido. A última parte da trilogia, esta que leremos a seguir, é aquela em que o cidadão Erico Verissimo, reconhecido como um homem absolutamente arraigado à causa democrática,⁵ se vê totalmente mergulhado na história recente do país, que ele conhecia muito bem. Mas, por isso mesmo, artista que era, ele sofria na pele os embates do que queria descrever.

O arquipélago abarca o período que vai do começo de 1920 até o fim do governo Vargas e que marca, também, o declínio da família Terra Cambará. Se por um lado temos um amálgama da história inespecífica da desmistificação da figura do gaúcho tal qual aparece no imaginário brasileiro, por outro temos que essa história é também, e profundamente, a própria história do autor. Erico Verissimo, um estudioso de suas raízes, chegou a mapear a genealogia de sua família até o trisavô, Manoel Verissimo da Fonseca.⁶ E, embora negue que a Santa Fé de *O tempo e o vento* seja a Cruz Alta de sua infância, admite que sua cidade natal é

3. *Solo de clarineta*, vol. 2, Porto Alegre, Editora Globo, 1976, p. 15.

4. *Manchete*, Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1971.

5. Em todas as oportunidades, Erico Verissimo fazia questão de deixar clara sua posição política. E o fez ainda em suas memórias, para não haver dúvidas. “Finalmente, em que posição política me encontro? Considero-me dentro do campo do humanismo socialista, mas — note-se — voluntariamente e não como prisioneiro.” *Solo de clarineta*, vol. 2, *op. cit.*, p. 314.

6. *Manchete*, Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1957.

presença constante em sua obra: “[...] Cruz Alta e os cruz-altenses estão subjacentes a tudo quanto tenho escrito até hoje”.⁷ E foi essa vivência, numa região que alimentava o estereótipo do gaúcho, que Erico Verissimo iria depois transpor para as páginas de seus livros. A Paulo Mendes Campos relatou as “noites de horror e de pânico” em Cruz Alta, frequentemente ensanguentadas por sentimentos excessivos de virilidade e valentia.⁸

Justino Martins, um amigo dos tempos de Cruz Alta e seu concunhado, afirma, com conhecimento de causa, que em todos os seus livros Verissimo retratou alguém ou alguma coisa de Cruz Alta. “Mas o melhor e a mais rica fonte de tipos para o futuro romancista ciclópico de *O tempo e o vento* seria a sua própria família.”⁹ Se Cruz Alta serviu como modelo para a criação de sua galeria de personagens inesquecíveis — aqui, neste *O arquipélago*, reencontramos o dr. Rodrigo Terra Cambará agonizante; Flora, sua esposa, que lhe devota o amor-ódio da mulher traída; seu filho Floriano, o escritor; Maria Valéria, a tia; a nora Sílvia; a filha Bibi e seu marido, Marcos Sandoval... —, o Rio Grande do Sul serviu de cenário da saga de um povo bravo e consciente de suas responsabilidades na defesa e ampliação das fronteiras, e o Brasil — mais especificamente o governo central, sediado no longínquo Rio de Janeiro —, de projeção das idas e vindas do projeto de construção de uma nação.

Erico Verissimo — que aos três anos, sofrendo de uma moléstia grave, foi desenganado pelos médicos — confessa que “mais do que com as outras crianças, comigo o mundo do faz de conta foi um grande refúgio, uma espécie de pátria da imaginação”.¹⁰ Desenhista — chegou, na adolescência, a hesitar entre essa profissão e a de escritor —, o autor “incorporava” de tal modo os seus personagens à sua vida que chega a confessar que, quando trabalhando neste volume, “à tardinha, terminada a tarefa do dia, costumava caminhar abaixo e acima, à frente da minha casa, discutindo comigo mesmo, quase sempre em voz mais ou menos alta, problemas e situações do livro, e ensaiando novos diálogos, em que procurava imitar a voz e às vezes até os gestos, os cacoetes e a maneira de caminhar de cada personagem. (Creio que alguns dos meus vizinhos alimentam até hoje sérias desconfianças quanto ao meu equilíbrio mental)”.¹¹

7. “Erico Verissimo fala dos trigais ao sol, da coxilha verde. De Cruz Alta, sua cidade.” *Jornal da Tarde*, São Paulo, 17 de agosto de 1971.

8. Apenas como exemplo, citaremos uma das histórias relatadas por Erico Verissimo a Paulo Mendes Campos: “Depois do jantar, vestiu-se uma noite com a melhor roupa (palete, gravata-borboleta e bengala) para ir ver a namorada. Numa esquina, vê um homem a cambalear, caminhando em sua direção. Pensou tratar-se de um bêbado. Quando o homem se aproximou, quase caindo em cima dele, percebeu que o infeliz trazia nas mãos ensanguentadas os próprios intestinos; acabara de ser mortalmente esfaqueado pelo pai da moça que ‘desonrara’”.

9. “O mundo de Erico Verissimo”, *Manchete*, Rio de Janeiro, 9 de fevereiro de 1980.

10. *Idem*.

11. *Solo de clarineta*, vol. 2, *op. cit.*, p. 23.

Sua identificação com os personagens e o livro é tão absoluta que, se no plano global temos a figura do homem público Erico Verissimo erigindo o épico da nacionalidade brasileira, uma obra profundamente vinculada aos destinos do país, no plano pessoal o autor reconcilia-se consigo mesmo e com sua história. O pai, “[...] um homem da cidade, enamorado da Inglaterra e da França. Tinha em casa uma biblioteca de cinco mil volumes em sua maioria franceses. Gostava da boa mesa, caviar e champanha... Gostava de perfumes e de boa roupa. Botou fora uma fortuna em Cruz Alta e se casou com uma moça filha de um riquíssimo fazendeiro... falido”,¹² separou-se de sua mãe quando o futuro escritor contava dezessete anos. A procura dessa figura, que a um tempo evocava admiração e mágoa, só vai terminar com um episódio... ficcional: “Concluí que a linha melódica de minha vida tinha sido, fino modo, uma busca da casa e do pai perdidos. Ali estava a casa. Os quadros, os móveis, o aspecto geral, a gente que a visita, os amigos, os visitantes inesperados. E o pai. Também isso, esse problema estava resolvido. Em *O arquipélago* eu tinha feito as pazes no diálogo entre Floriano e Rodrigo Cambará. E agora eu descobria que me havia tornado o pai de mim mesmo”.¹³

Além de se pôr na pele do escritor Floriano Terra Cambará, Erico Verissimo transferiu para o dr. Rodrigo Terra Cambará suas próprias experiências, até as mais traumáticas cicatrizes físicas. Rodrigo é vítima de sucessivas crises cardíacas (a última o leva à morte), assim como o autor. Em 1958, anota Erico Verissimo, a sua grande preocupação não era consigo próprio, mas com seu personagem. “É que, finalmente, tinha começado a escrever *O arquipélago*. O dr. Rodrigo Cambará sofrera já dois infartos e exigia toda a minha atenção e cuidado.”¹⁴ Nessa época, o escritor sofreu seu primeiro infarto e, antes mesmo de poder voltar a andar, já retomava o romance. “Destruí o primeiro capítulo, o em que Rodrigo sofre seu edema pulmonar agudo, e reescrevi-o por inteiro, usando da experiência adquirida durante a minha própria doença.”¹⁵

Poderíamos afirmar que *O tempo e o vento* é o romance da reconciliação, por excelência. Reconciliação com suas raízes gaúchas, com seu país, consigo mesmo e, curiosamente, com a crítica. Isso porque, embora fizesse — como ainda faz — enorme sucesso junto ao público leitor, Erico Verissimo nunca foi unanimidade nos meios acadêmicos, talvez até por isso mesmo. Houve sempre quem o acusasse de escrever romances açucarados e ser ele um escritor menor. *O tempo e o vento*, de certa maneira, foi a sua vingança contra aqueles que menosprezavam a sua produção literária. “Alguns críticos [...] elogiaram o romance com mal disfarçada má vontade”,¹⁶ regozijava-se em 1957, antes portanto desse último volume, que o consagrou definitivamente.

12. *Manchete*, Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1957.

13. *Solo de clarineta*, vol. 2, op. cit., p. 323. Ver também p. 16.

14. *Idem*, p. 9.

15. *Idem*, p. 35.

16. *Manchete*, Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1957.

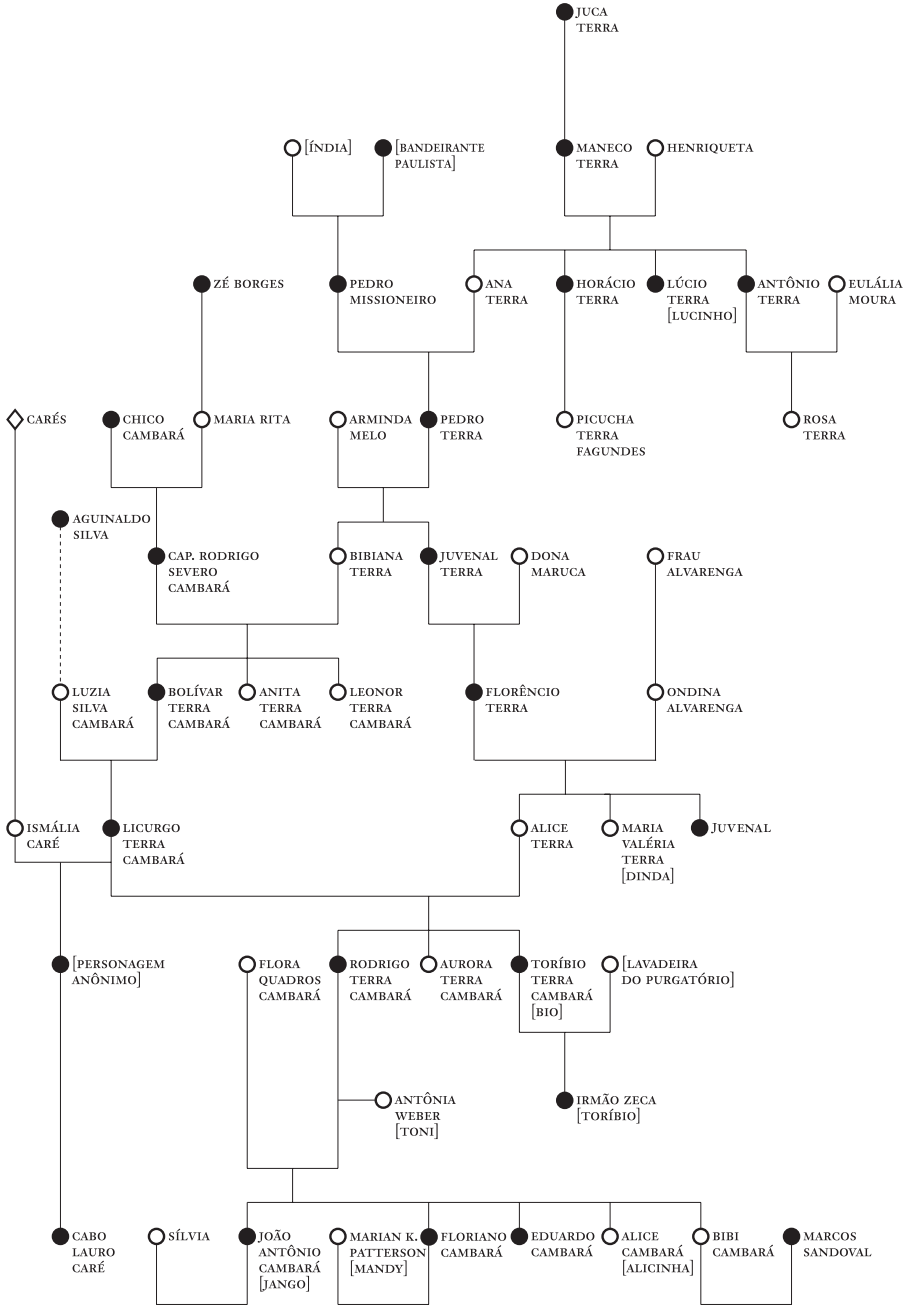
E do que trata *O arquipélago*? Essencialmente da descrição da transformação do Brasil, de uma república fundada em velhas oligarquias rurais em um país que busca sua identidade industrial, alicerçada numa burguesia urbana ascendente. Isso, focado magistralmente na definitiva ruína da família Terra Cambará, reunida em torno da figura agônica do dr. Rodrigo, que está novamente no Sobrado, vindo às pressas do Rio de Janeiro após a queda de seu amigo íntimo, o presidente Getúlio Vargas. Acompanhamos os episódios políticos (desde o último ano do governo Artur Bernardes até o queremismo, passando pela Revolução de 1923, as transformações socioculturais provocadas pela Primeira Guerra Mundial, a Revolução de 1930, a Guerra Civil Espanhola, a instalação do Estado Novo, a Segunda Guerra Mundial), tudo filtrado pelas notícias que chegam à longínqua Santa Fé, isolada e centro do mundo.

“Era uma noite fria de lua cheia. As estrelas cintilavam sobre a cidade de Santa Fé, que de tão quieta e deserta parecia um cemitério abandonado”, assim termina *O arquipélago*, assim se inicia *O Continente*, o primeiro da série.

O fim. O começo.

Luiz Ruffato
Escritor

Árvore genealógica da família Terra Cambará



- MULHERES
- HOMENS
- ◇ FAMÍLIA

O ARQUIPÉLAGO vol. I

Reunião de família I

25 de novembro de 1945

... onde estou?... alcova-túmulo escuro sem ar... o sapo-boi latejando entre as pernas... fole viscoso esguichando um líquido negro... pregado à cama mortuária... o sangue se esvaindo pelos poros do animal... incha e desincha... incha e desincha... a coisa lhe sobe sufocante no peito... a menininha saioite de bailarina flor vermelha no sexo manipula o brinquedo de mola... ele quer gritar que não!... mas a voz não sai... o sapo-fole atravessado na garganta... a menininha acaricia o monstro... não sabe que ele esguicha veneno... minha filha vá buscar socorro... que venham acalmar o animal... mas cuidado não me machuquem o peito... a menininha não sabe... aperta com os dedos o brinquedo proibido... não vê que assim vai matar o Sumo Pontífice?... o remédio é cuspir fora o sapo... tossir fora o bicho-fole-músculo... tossir fora...

Poucos minutos depois das duas da madrugada, Rodrigo Cambará desperta de repente, soergue-se na cama, arquejante, e através da névoa e do confuso horror do pesadelo, sente na penumbra do quarto uma presença inimiga... Quem é? — exclama mentalmente, pensando em pegar o revólver, que está na gaveta da mesinha de cabeceira. Quem é? Silêncio e sombra. Uma cócega aflitiva na garganta provoca-lhe um acesso de tosse curta e espasmódica... E ele toma então consciência do peso no peito, da falta de ar... Ergue a mão para desabotoar o casaco do pijama e leva alguns segundos para perceber que está de torso nu. Um suor viscoso e frio umedece-lhe a pele. Vem-lhe de súbito o pavor de um novo ataque... Espalma ambas as mãos sobre o peito e, agora sentado na cama, meio encurvado, fica imóvel esperando a dor da angina. Santo Deus! Decerto é o fim... Em cima da mesinha, a ampola de nitrato... Na gaveta, o revólver... Quebrar a ampola e levá-la às narinas... Encostar o cano da arma ao ouvido, puxar o gatilho, estourar os miolos, terminar a agonia... Talvez uma morte rápida seja preferível à dor brutal que mais de uma vez lhe lancetou o peito... Mas ele quer viver... Viver! Se ao menos pudesse cessar de tossir, ficar imóvel como uma estátua... Sente o surdo pulsar do

coração, a respiração estertorosa... Mas a dor lancinante não vem, louvado seja Deus! Só continua a opressão no peito, esta dificuldade no respirar...

Com o espírito ainda embaciado pelo sono, pensa: “Estou me afogando”. E num relâmpago lhe passa pela mente uma cena da infância: perdeu o pé no poço da cascata, afundou, a água entrou-lhe pela boca e pelas ventas, sufocando-o... Agora compreende: está morrendo afogado! Toríbio! — quer gritar. Mas em vez do nome do irmão morto, o que lhe sai da boca é um líquido... baba? espuma? sangue?

A sensação de asfixia é agora tão intensa, que ele se ergue da cama, caminha estonteado até a janela, numa busca de ar, de alívio. Apoia as mãos no peitoril e ali fica a ofegar, de boca aberta, olhando, embora sem ver, a praça deserta e a noite, mas consciente duma fria sensação de abandono e solidão. Por que não me socorrem? Onde está a gente da casa? O enfermeiro? Vão me deixar morrer sozinho? Faz meia-volta e, sempre tossindo e expectorando, dá alguns passos cegos, derruba a cadeira que lhe barra o caminho, busca a porta, em pânico... “Dinda!”, consegue gritar. A porta se abre, enquadrando um vulto: Maria Valéria, com uma vela acesa na mão. Rodrigo aproxima-se da velha, segura-lhe ambos os braços, mas recua soltando um ai, pois a chama da vela lhe chamusca os cabelos do peito.

— Estou morrendo, Dinda! Chamem o Dante!

A velha, os olhos velados pela catarata, sai pelo corredor como um sino de alarma a despertar a gente do Sobrado. — Floriano! — o castiçal treme-lhe na mão. — Sílvia! — as pupilas esbranquiçadas continuam imóveis, fitas em parte nenhuma. — Eduardo! — e sua voz seca e áspera raspa o silêncio do casarão.

Floriano precipita-se escada abaixo, na direção da porta da rua. Felizmente — pensa — o Dante Camerino mora do outro lado da praça, que ele atravessa a correr. O médico não tarda em atender às suas batidas frenéticas na porta. E quando ele assoma à janela, Floriano grita:

— Depressa! O Velho teve outro ataque.

Um minuto depois ambos se encaminham para o Sobrado em marcha acelerada. O dr. Camerino vestiu um roupão de banho por cima do pijama e leva na mão uma maleta de emergência.

Um cachorro uiva em uma rua distante. Vaga-lumes pingam a noite com sua luz verde.

— Aos quarenta e cinco anos a gente fica meio pesadote — diz o médico, já ofegante. — Tu enfim és um jogador de tênis...

— Era.

— Seja como for, tens onze anos menos que eu...

Noite morna de ar parado. O galo do cata-vento, no alto da torre da Matriz, de tão negro e nítido parece desenhado no céu, a nanquim.

Floriano finalmente faz a pergunta que vem reprimindo desde que viu o amigo:

— Será um novo infarto?

— Pode ser...

Da Padaria Estrela-d'Alva vem um cheiro de pão recém-saído do forno. A figueira grande da praça parece um paquiderme adormecido.

— Que providência tomou o enfermeiro?

— Que enfermeiro? O Velho despediu-o ontem ao anoitecer.

— Esse teu pai é um homem impossível!

— Ontem à noite fez uma das suas. Saiu às oito com o Neco Rosa e só voltou lá pelas onze...

— Madona! Sabes aonde ele foi?

— Desconfio...

— Desconfias coisa nenhuma! Está claro como água. Foi dormir com a amante.

Toda Santa Fé sabe que Sônia Fraga, a “amiguinha” de Rodrigo Cambará, chegou há dois dias do Rio e está hospedada no Hotel da Serra.

Muitas das janelas do Sobrado estão agora iluminadas. Dante Camerino segura com força o braço de Floriano.

— O doutor Rodrigo merecia ser capado... — diz, com a voz entrecortada pelo cansaço. E, numa irritação mesclada de ternura, acrescenta:

— E capado de volta!

Entram ambos no casarão. Camerino sobe imediatamente ao quarto do doente. Floriano, entretanto, permanece no vestíbulo, hesitante. Sempre detestou as situações dramáticas e mórbidas da vida real, embora sinta por elas um estranho fascínio, quando projetadas no plano da arte. Sabe que seu dever é subir para ajudar o médico a socorrer o Velho, mas o corpo inteiro lhe grita que fique, que fuja... Uma leve sensação de náusea começa a esfriar-lhe o estômago.

A mulata Laurinda assoma a uma das portas do vestíbulo, e, em seus olhos gelatinosos de peixe, Floriano lê uma interrogação assustada.

— Não é nada — diz ele. — Vá aquecer a água para um cafezinho.

A velha faz meia-volta e afasta-se rumo da cozinha, com seus passos arrastados de reumática.

Floriano está já com o pé no primeiro degrau quando lhe chega às narinas um aroma inconfundível. Bond Street. Volta a cabeça e vê o “marido” de Bibi. Marcos Sandoval está metido no seu *robe de chambre* de seda cor de vinho, presente — assim ele não perde ocasião de proclamar — de seu amigo o príncipe d. João de Orléans e Bragança.

— Posso ajudar em alguma coisa, meu velho? — pergunta ele com sua voz bem modulada e cheia dum envolvente encanto ao qual Floriano procura sempre opor suas resistências de Terra, pois seu lado Cambará tende a simpatizar com o patife.

Sente gana de gritar-lhe: “Volte para o quarto! Não se meta onde não é chamado. Não compreende que isto é um assunto de família?”.

Mas domina-se e, sem olhar para o outro, murmura apenas: “Não. Obrigado”.

Bibi aparece no alto da escada. Floriano ergue a cabeça. A perna da mulher de Sandoval, com um palmo de coxa nua, escapa-se pela abertura do quimono vermelho. Mau grado seu, Floriano identifica a irmã com a amante do pai, e isso o deixa de tal modo constrangido, que ele não tem coragem de encará-la, como se a rapariga tivesse realmente acabado de cometer um incesto.

Bibi desce apressada e, ao passar entre o irmão e o marido, murmura: “Vou buscar um prato fundo para a sangria”.

A palavra *sangria* golpeia Floriano em pleno peito. Mas ele sobe a escada às pressas, fugindo paradoxalmente na direção da coisa que o atemoriza.

Lá em cima no corredor sombrio encontra Sílvia. Por alguns segundos ficam parados um à frente do outro, em silêncio. Floriano sente-se tomado de um trêmulos, terno desejo de estreitar a cunhada contra o peito, beijar-lhe as faces, os olhos, os cabelos, e sussurrar-lhe ao ouvido palavras de amor. Estonteia-o a confusa impressão de que não só o Velho, mas ele também, está em perigo de vida, e talvez esta seja a última oportunidade para a grande e temida confissão... Mas censura-se e despreza-se por causa destes sentimentos. Sílvia é a mulher legítima de seu irmão... E a poucos passos dali seu pai talvez esteja em agonia...

Sem dizer palavra, precipita-se para o quarto do doente.

Rodrigo está sentado na cama, a face de uma lividez cianótica, o peito arfante, a boca semiaberta numa ansiada busca de ar — o rosto, os braços, o torso reluzentes de suor... Pelas comissuras dos lábios arroxeados escorre-lhe uma secreção rosada. Inclinada sobre o marido, Flora de quando em quando limpa-lhe a boca e o queixo com um lenço.

Bibi — que o irmão percebe obliquamente apenas como uma mancha vermelha — entra agora, trazendo um prato fundo, que depõe em cima da mesinha de cabeceira.

Floriano aproxima-se do leito. Rodrigo fita nele o olhar amortecido e dirige-lhe um pálido sorriso, como o de um menino que procura provar que não está amedrontado. Floriano passa timidamente a mão pelos cabelos do pai, numa carícia desajeitada, e nesse momento seu eu se divide em dois: o que faz a carícia e o Outro, que o observa de longe, com olho crítico, achando o gesto feminino, além de melodramático. Ele odeia então o seu *Doppelgänger*, e esse ódio acaba caindo inteiro sobre si mesmo. Inibido, interrompe a carícia, deixa o braço tomar ao longo do corpo.

O silêncio do quarto é arranhado apenas pelo som estertoroso da respiração de Rodrigo. Floriano contempla o rosto do pai e se vê nele como num espelho. A semelhança física entre ambos, segundo a opinião geral e a sua própria, é extraordinária. Por um instante, sua identificação com o enfermo é tão aguda, que Floriano chega a sentir também uma angústia de afogado, e olha automaticamente para as janelas, numa esperança de mais ar...

Postada aos pés da cama, ereta, Maria Valéria conserva ainda na mão a vela

acesa: seus olhos vazios parecem focados no crucifixo negro que pende da parede fronteira.

Com o estetoscópio ajustado aos ouvidos, o dr. Camerino por alguns segundos detém-se a auscultar o coração e os pulmões do paciente. Trabalha num silêncio concentrado, o cenho franzido, evitando o olhar das pessoas que o cercam, como se temesse qualquer interpelação. Terminada a auscultação, volta as costas ao doente e por espaço de um minuto fica a preparar a seringa que esteve a ferver no estojo, sobre a chama de álcool. Depois torna a acercar-se de Rodrigo, dizendo:

— Vou lhe dar uma morfina. Tenha paciência, o alívio não tarda.

Floriano desvia o olhar do braço do pai que o médico vai picar. Um cheiro ativo de éter espalha-se no ar, misturando-se com a desmaiada fragrância das madressilvas, que entra no quarto com o hálito morno da noite.

Bibi aproxima-se de Maria Valéria e, inclinando-se sobre o castiçal, apaga a vela com um sopro.

Desde que entrou, Floriano tem evitado encarar Flora, mas há um momento em que os olhos de ambos se encontram por um rápido instante. “Ela sabe de tudo”, conclui ele.

Rodrigo ergue o braço, sua mão procura a da esposa. Floriano teme que a mãe *não queira* compreender o gesto. Flora, porém, segura a mão do marido, que volta para ela um olhar no qual o filho julga ver um mudo, patético pedido de perdão. A cena deixa-o tão embaraçado, que ele volta a cabeça e só então dá pela presença de Sílvia, a um canto do quarto, as mãos espalmadas sobre o rosto, os ombros sacudidos por soluços mal contidos.

No momento em que o dr. Camerino mede a pressão arterial do doente, Floriano olha para o manômetro e, alarmado, vê o ponteiro oscilar sobre o número 240.

— Quanto? — balbucia Rodrigo.

O médico não responde. Agora seus movimentos se fazem mais rápidos e decididos.

— Vou lhe fazer uma sangria. Isso lhe dará um alívio completo.

Ao ouvirem a palavra *sangria*, Flora, Bibi e Sílvia, uma após outra, retiram-se do quarto na ponta dos pés. Maria Valéria, porém, continua imóvel.

O dr. Camerino garroteia o braço de Rodrigo, coloca o prato na posição conveniente, tira da maleta um bisturi e flamba-o.

— Segura o braço do teu pai.

Floriano obedece. O médico passa um chumaço de algodão embebido em éter sobre a prega do cotovelo do paciente.

— Agora fique quieto...

Rodrigo cerra os olhos. O dr. Camerino faz uma incisão na veia mais saliente. Um sangue escuro começa a manar do talho, escorrendo para dentro do prato.

Floriano tem consciência duma perturbadora mescla de cheiros — o suor do